

AVENIDA DR. ANTONIO CARLOS COUTO DE BARROS

Decreto nº 2850 de 19-09-1966

Formada pela avenida "A" do Jardim São Francisco, Vila Bourbon, Vila Ana Luisa e Jardim Conceição

Início no cruzamento da rua 15 de Novembro com avenida Isabelita Vieira

Término no limite do perímetro urbano, onde divisa com a Rodovia Dr. Heitor Teixeira Penteado

Jardim Conceição

Distrito de Souza

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal de Campinas Ruy Hellmeister Novaes.

ANTONIO CARLOS COUTO DE BARROS

Antonio Carlos Couto de Barros nasceu em Campinas em 19-septembro-1896 e faleceu em Souza em 16-maio-1966. Era filho do dr. Adriano Júlio de Barros e Altemira Alves Couto de Barros. Foi casado com Décia Milano de Barros com quem teve cinco filhos. Passou a sua infância em Campinas, transferindo-se depois para São Paulo, onde o seu pai foi clinicar. Fez o primário no Instituto de Educação "Caetano de Campos" e o ginásio no Colégio "São Bento". Ingressou na Faculdade de Direito de São Paulo, donde após se bacharelar, passou a advogar com o dr. Estevão de Almeida, seu mestre. Em viagem de estudos à Europa, aprimorou-se em literatura e artes, mantendo contato com artistas brasileiros no exterior. Em sua mocidade escreveu poemas e crônicas para jornais de São Paulo. Com um grupo de amigos idealizou e criou "Klaxon", revista literária e artística, participando, outrossim, em 1922, da Semana da Arte Moderna. Jornalista, foi um dos fundadores da "Folha da Manhã" e do "Diário Nacional" do qual foi redator-chefe. Culto, Antonio Carlos era poliglota, falando perfeitamente o inglês, francês, alemão, italiano, espanhol e latim. Homem de grande visão, foi um dos fundadores da Vasp - Viação Aérea São Paulo e diretor-presidente da Companhia Paulista de Louça Esmaltada. Fundou em São Paulo o Partido Democrático e em 1932, participou da luta pelo Movimento Constitucionalista. De regresso à Campinas, passou a se constituir num dos grandes colaboradores do progresso de Souza, onde foi fazendeiro e cedeu parte das terras de sua propriedade para a instalação da Merck Sharp & Dohme. Por muitos anos forneceu leite e outros gêneros para a manutenção da sopa escolar das crianças do Grupo Escolar "Dr. Tomás Alves", do visinho distrito.

AVENIDA DR. ANTONIO CARLOS COUTO DE BARROS



DECRETO N.º 2850, DE 19 DE SETEMBRO DE 1966
Dá o nome de "Doutor Antônio Carlos Couto de Barros" a uma Avenida do Distrito de Sousas.

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições do seu cargo e de acordo com o item XX, do artigo 25, da lei n.º 9205, de 28 de dezembro de 1965 (Lei Orgânica dos Municípios),

DECRETA:

Artigo 1.º — Fica denominada "Dr. ANTONIO CARLOS COUTO DE BARROS" a avenida "A" do Jardim São Francisco, Vila Bourbon, Vila Ana Luísa e Jardim Conceição, do distrito de Sousas, com início no cruzamento das ruas 15 de Novembro e avenida Isabelita Vieira e término no limite do perímetro urbano, onde divisa com a rodovia dr. Heltor Teixeira Penteado.

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 19 de setembro de 1966.

RUY HELLMMEISTER NOVAES — Prefeito de Campinas.
 Publicado no Departamento do Expediente, da Prefeitura Municipal, na data supra.

DEOCLESIO LEO CHIACCHIO — Diretor do D. E.



ANTONIO CARLOS COUTO DE BARROS (Dr.)

A 19 de setembro de 1896, nasceu em Campinas, filho do eminente médico Dr. Adriano Júlio de Barros, que lutou contra a febre amarela e d. Altemira Alves Couto de Barros.

Passou sua primeira infância em Campinas, transferindo-se posteriormente para São Paulo, onde seu pai fora clínico.

Curso o primário no Instituto de Educação Caetano de Campos, distinguindo-se como primeiro aluno durante todo o curso. Prosseguiu os estudos no Colégio São Bento, concluindo o ginásio com a mesma distinção. Aos 16 anos de idade, ingressou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Apesar de muito jovem foi sempre o "primeiro em tudo", como se expressaram seus colegas no livro "Perfis Acadêmicos", bacharelando-se com raro brilhantismo.

Moço ainda, passou a advogar com o Dr. Estevão de Almeida, seu mestre. Em viagem de estudos pela Europa, residiu alguns anos em Paris e Londres, onde, com Sérgio Milliet, Villa Lobos, Di Cavalcanti, Breecheret e outros aprimorou-se em literatura e arte.

Amante da literatura, escreveu em sua mocidade inúmeros poemas, incontáveis crônicas para jornais de São Paulo.

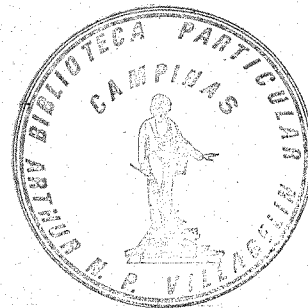
Com um grupo de amigos e entusiastas, como Guilherme de Almeida, Sérgio Milliet, Tácito de Almeida, Mário de Andrade, Camargo Aranha e outros, idealizou e criou o "KLAXON", revista literária e artística, cuja redação foi instalada em seu escritório.

Incentivador da arte, juntamente com seu grupo de amigos, fundou nos salões de d. Olívia Penteado, a "SEMANA DA ARTE MODERNA".

Homem de grande visão e apaixonado do progresso, foi também um dos fundadores da "VASP" - Viação Aérea São Paulo, tendo sido por vários anos, diretor.

Democrata convicto e amante de São Paulo, veio a ser ainda um dos fundadores do Partido Democrático. Norteador sempre pela justiça e consciência de seus deveres para com São Paulo e para com a Pátria, foi um dos organizadores do "MOVIMENTO CONSTITUCIONALISTA de 32", lutando entusiasticamente pelos ideais paulistas.

Jornalista nato, com raro senso de cronista e cri



tico dos mais avisados, apoiado por seus amigos fundou a "FOIHA DA MANHÃ" e o "DIÁRIO NACIONAL", sendo o redator-chefe deste último jornal e o responsável por todos os principais artigos.

Portador de grande ideal, visando ao aprimoramento de nossos jovens, também foi um dos fundadores da "ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLITICA" de São Paulo, além de dirigí-la, ocupou a cadeira de História Econômica do Brasil, com grande brilhantismo.

Versátil ao extremo, dominava perfeitamente o inglês, o francês, o alemão, o italiano, o espanhol e o latim.

Empreendedor por natureza, ocupou o cargo de Diretor-Presidente da Cia. Paulista de Louça Esmaltada, prestando relevantes serviços em prol da grandeza e do desenvolvimento do parque industrial de São Paulo.

Casou-se com d. Décia Milano de Barros, senhora de coração boníssimo e dedicada companheira, sendo marido exemplar e pai extremoso de cinco filhos.

Com sua transferência para sua querida terra natal, Campinas, onde já era fazendeiro em Sousas, São Paulo, perdeu a maior expressão da "Arte moderna brasileira" como se exprimiu o grande poeta Mário de Andrade em um de seus livros.

Neste rincão da terra campineira, foi uma das molas propulsoras do Distrito, cedendo terra de suas propriedades para nelas se instalar uma indústria como a "MERCK SHARP & DOHME", a qual viria favorecer centenas de sousenses.

A vida toda do Dr. Antonio Carlos Couto de Barros foi dedicada à prática do bem.

Auxiliava em todos os sentidos aqueles que a ele recorressem em busca de ajuda ou conforto, sendo um de seus lemas, jamais dizer "não" aos necessitados. Foi assim que, comovido com a pobreza das crianças de Sousas, que nem sequer podiam levar à escola seu lanche diário, doou ao Grupo Escolar Dr. Tomás Alves, leite e outros gêneros. Desta maneira, as criancinhas, que ele considerava tão necessitadas, tiveram e continuarão a ter, sua sopa escolar de todo o dia.

Muitos, porém, e incontáveis, foram os beneficiados pelo seu coração generoso e desprendido, pois suas eram as palavras: "o que a mão direita faz, a esquerda não deve ficar sabendo"...

O infausto passamento do Dr. Antônio Carlos Couto de Barros, deu-se a 16 de maio de 1966 e, satisfazendo sua vontade própria, foi enterrado no cemitério da sua querida Sousas, o antigo Arraial que ele ajudara a crescer, deixando assim a todos saudades imorredouras.

Sousas, em agradecimento, homenageou-o dando seu nome a uma avenida.

(Extraído da "Monografia Histórica e Estatística do Distrito de Sousas", de autoria de Zuleika Godoi Gomes, edição de 1973)

AVENIDA DR. ANTONIO CARLOS COUTO DE BARROS



Foi um poeta sem vaidades literárias. Prova disso está em que era avêso à divulgação de suas poesias.

Autor de belas rimas, entretanto, sempre as trouxe dentro de sua vida particular.

Enveredou pelas letras em 1922, quando fundou a "Klaxon", com outros poetas, revista que fez furor em São Paulo, fato que, talvez, contribuisse para seu ingresso no jornalismo paulistano, onde militou, lutando com desassombro contra a implantação da ditadura em 1930.

Deixando as lides jornalísticas, retomou à advocacia, sem, entretanto, se ausentar das letras. Nessa época seu escritório, na Capital Bandeirante, foi ponto de reunião de célebres escritores e poetas de renome.

O admirável soneto que abaixo transcrevemos, é de sua autoria:

Como ficou tão fria a tua face,
onde de leve a morte fez seu pouso.
Foi a sombra de um anjo misterioso
que sôbre um lago azul se debruçasse.

Não mais a tua voz, nunca o sorriso
que punha um ar irônico no rosto.
Na minha solidão eu só diviso
o coração sangrando de um Sol pôsto.

Si a morte é um nada, e a vida, muitos nadas,
ambas lá vão de mãos entrelaçadas
como pessoas que não são estranhas.

Procuro no horizonte, em vão perdida,
a tua imagem agora dissolvida,
no azul de miteleno das montanhas...

Foi uma obra do tempo de sua mocidade. Só depois de sua morte é que encontramos esta jóia poética.

(Extraído de fls. 80 e 81 da "Antologia da Poesia Campineira, de Edmo Goulart, editada em Campinas, em 1971)

AVENIDA DR. ANTONIO CARLOS COUTO DE BARROS

Foi um poeta sem vaidades literárias. Prova disso está em que era avêso à divulgação de suas poesias.

Autor de belas rimas, entretanto, sempre as trouxe dentro de sua vida particular.

Enveredou pelas letras em 1922, quando fundou a "Klaxon", com outros poetas, revista que fez furor em São Paulo, fato que, talvez, contribuisse para seu ingresso no jornalismo paulistano, onde militou, lutando com desassombro contra a implantação da ditadura em 1930.

Deixando as lides jornalísticas, retornou à advocacia, sem, entretanto, se ausentar das letras. Nessa época seu escritório, na Capital Bandeirante, foi ponto de reunião de célebres escritores e poetas de renome.

O admirável soneto que abaixo transcrevemos, é de sua autoria:

Como ficou tão fria a tua face,
onde de leve a morte fez seu pouso.
Foi a sombra de um anjo misterioso
que sôbre um lago azul se debruçasse.

Não mais a tua voz, nunca o sorriso
que punha um ar irônico no rosto.
Na minha solidão eu só diviso
o coração sangrando de um Sol pôsto.

Si a morte é um nada, e a vida, muitos nada,
ambas lá vão de mãos entrelaçadas
como pessoas que não são estranhas.

Procuro no horizonte, em vão perdida,
a tua imagem agora dissolvida,
no azul de miteleno das montanhas...

Foi uma obra do tempo de sua mocidade. Só depois de sua morte é que encontramos esta jóia poética.

(Extraído de fls. 80 e 81 da "Antologia da Poesia Campineira, de Elmo Goulart, editada em Campinas, em 1971)